

APRESENTAÇÃO

SERGIO BAPTISTA DA SILVA
EDITOR

Prezado(a)s leitor(a)s,

Chegamos à presente edição de **Espaço Ameríndio** com um qualificado conjunto de artigos e ensaios, escritos por autores oriundos de diferentes instituições e regiões do Brasil e das Américas. Igualmente com satisfação, destacamos que desde o lançamento de nosso último número, há seis meses, contamos com um considerável volume de acessos à revista, perfazendo mais de seis mil *downloads*.

Nesta edição, a seção **Artigos** começa com o texto de Amanda Cristina Danaga, da Universidade Federal de São Carlos, *Os Tupi Guarani da aldeia Renascer (SP): uma reflexão sobre os enunciados da mistura e os agenciamentos da "cultura"*, no qual a autora reflete sobre a interlocução que indígenas Tupi Guarani e Guarani Mbyá, ocupantes de uma aldeia cenográfica, promovem com índios e não índios, num contexto de produção da cultura e de reivindicações ligadas ao reconhecimento de sua diversidade.

Em seguida, temos o artigo de Vera Lucia Teixeira Kauss e Adreana Peruzzo, ambas da Universidade do Grande Rio, *A inserção da mulher indígena brasileira na sociedade contemporânea através da literatura*. Nele, as autoras historicizam a marginalização secular da

mulher indígena brasileira, desde a colonização, e discutem a expressão de sua dor e de sua luta, tardiamente, já no século XX, através da literatura escrita.

Alexander Antonio Mansutti Rodriguez, da Universidad Nacional Experimental de Guayana, Venezuela, em *Yuruparí, máscaras y poder entre los piaroas del Orinoco*, descreve e analisa uma festa de máscaras e flautas sagradas do noroeste amazônico, conhecida como *Warime*, refletindo, entre outras questões, sobre jogos de poder de gênero e idade; alianças entre xamãs e suas aldeias com donos de animais e plantas; e hierarquia.

Em *O rio: lugar sagrado da literatura ameríndia*, Edson "Krenak" Dorneles, da Universidade Federal de São Carlos, relata-nos a importância do rio para “as almas ameríndias que nele mergulham ou flutuam”, convidando-nos a refletir sobre duas vertentes que destaca para a compreensão da literatura indígena e/ou ameríndia: o perspectivismo e a inconstância.

O artigo *Nas margens da estrada e da história jurua: um ensaio sobre as ocupações mbyá na região hidrográfica do Guaíba (estado do Rio Grande do Sul)*, escrito por Maria Paula Prates e César Castro Pereira, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, contextualiza de maneira histórica e etnográfica a presença *mbyá-guarani* nessa região específica, discutindo três ocupações contemporâneas (Petim, Passo Grande e Arroio do Conde) e analisando inúmeros aspectos da sua territorialidade.

Aloir Pacini, da Universidade Federal de Mato Grosso, em *Um perspectivismo ameríndio e a cosmologia anímica chiquitana*, apresenta-nos vários de seus rituais, analisando os intensos fluxos culturais e identitários chiquitanos. Ao lado disto, reflete sobre a “perspectiva chiquitana do bem viver que pode ser considerada um animismo”.

Em seu *A história indígena no Brasil e em Mato Grosso do Sul*, Jorge Eremites de Oliveira, da Universidade Federal da Grande Dourados, “analisa a história indígena no contexto da historiografia produzida no Brasil e no estado de Mato Grosso do Sul”, focando sua abordagem em

reflexões bem localizadas (o Programa de Pós-graduação em História da UFGD, a partir de 1990) e em discussões teórico-metodológicas (as relações entre etno-história e a história dos povos indígenas na América do Sul).

Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos, da Universidade Estadual de Goiás, no artigo *Entre a literatura e ciência: Gonçalves Dias e Antropologia no século XIX (1859-1861)* discute a atuação do romancista brasileiro na província cearense frente à seção etnográfica e narrativa da Comissão Científica Exploração (CCE), criada pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro com apoio e financiamento do governo imperial e com o intuito de estimular as pesquisas sobre o país.

Por fim, temos o artigo de Melissa Volpato Curi, da Universidade de Brasília, intitulado *O direito consuetudinário dos povos indígenas e o pluralismo jurídico*, no qual a autora caracteriza este tipo de direito e reconhece o pluralismo jurídico brasileiro, afirmando não ser o Estado a “única fonte de emanção do direito”.

Na seção **Ensaio Bibliográfico**, em *O anti-psiquê: reflexões sobre corpos e seus duplos na Amazônia*, Leif Grunewald, da Universidade Federal Fluminense, aborda as várias maneiras de conceber a ideia de alma, revisitando as etnografias *Araweté* e *Yanomami*, e dialogando com alguns conceitos de Gilles Deleuze (imagem-cristal, região de indiscernibilidade) e de Tânia Stolze Lima (ponto de vista).

Na seção **Autores Indígenas**, trazemos ao nosso público o conto *The Arrowmaker - O homem que fazia flechas*, escrito por Navarre Scott Momaday, na tradução de Bianca Pasqualini (UFRGS). PH.D. pela Stanford University (1963), Momaday desencadeia nos Estados Unidos um movimento literário denominado pela crítica de *Native American Renaissance*, com a publicação de sua primeira novela, *House made of dawn*. Com ela, recebe o prêmio Pulitzer de ficção em 1969. Filho de pai *Kiowa* e de mãe com ascendência inglesa e *cherokee*, Momaday viveu e cresceu em diversas reservas indígenas americanas, nas quais seus pais foram professores e onde foi exposto a várias tradições indígenas do sudoeste americano, especialmente Navajo, Apache e Pueblo.

Atualmente, preside uma fundação sem fins lucrativos, *The Buffalo Trust*, da qual foi fundador, cujo principal objetivo é o de “preservar a herança cultural dos nativos americanos”.

Finalmente, em **Resenhas**, temos o trabalho de Cátia Simone da Silva, da Universidade Federal de Pelotas, que nos apresenta a obra do antropólogo Martín César Tempass, *A doce cosmologia mbyá-guarani: uma etnografia de sabores e sabores* (Editora Appris, 2012, 514 páginas).

Como de costume, convidamos nosso(a)s leitor(a)s a consultar a seção **Noticiário**.

Boa leitura.
